

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

O HOMEM E SEU TRABALHO: UMA REFLEXÃO SOBRE O ADOECER NO MUNDO DA EXPLORAÇÃO ECONÔMICA¹

Kelvin Costner Guerreiro de Oliveira²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo fazer uma breve discussão sobre a relação entre o homem e o trabalho, tomando por base teórica a psicodinâmica do trabalho, conforme desenvolvida por Dejours, destacando as dimensões subjetivas e coletivas no contexto laboral, compreendendo que o trabalho pode produzir tanto o prazer com o sofrimento – tanto a criação quanto a destruição do sujeito. Este artigo explora, também, as manifestações clínicas das patologias relacionadas ao trabalho e seus efeitos na saúde mental dos indivíduos. O ponto de vista aqui demonstrado considera que a exploração do trabalhador é a maior causa dessas patologias, pois fragmenta o processo produtivo e provoca a perda da subjetividade. Portanto, considera que uma sociedade que prioriza a produção, acaba por perder os sujeitos que a constituem e que poderiam contribuir para melhores condições de justiça e de crescimento para todos.

Palavras-chave: Trabalho. Patologias. Lucro. Sujeito.

INTRODUÇÃO

A relação entre o homem e o trabalho tem sido objeto de reflexões na área de Psicologia, permitindo compreender os impactos que essa relação traz para o meio e para o trabalhador. Neste artigo, pretendemos analisar essa relação.

A psicodinâmica do trabalho, conforme desenvolvida por C. Dejours, propõe uma abordagem que vai além das concepções tradicionais de saúde e doença, destacando a importância das dimensões subjetivas e coletivas no contexto laboral. Dejours enfatiza que o trabalho pode ser fonte de prazer e de satisfação, mas também pode gerar sofrimento psíquico quando expõe os trabalhadores a situações de desgaste emocional e de desumanização.

Na área da psicopatologia, há uma investigação sobre as manifestações clínicas das patologias e seus efeitos sobre a saúde mental dos indivíduos. As

¹ Trabalho de Conclusão de Curso no formato de artigo, apresentado ao Curso de Psicologia do Centro Universitário Presidente Antônio Carlos, de Barbacena, como condição para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

² Aluno do Curso de Psicologia do Centro Universitário Presidente Antônio Carlos de Barbacena. Matrícula: 181-005911. Endereço eletrônico: 181-005911@aluno.unipac.br

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

abordagens dessa área permitem compreender as interfaces entre as vivências subjetivas dos trabalhadores e as demandas impostas pelo ambiente de trabalho, proporcionando uma visão aprofundada sobre o surgimento, as características, as consequências e o funcionamento de uma patologia para o indivíduo. Procuramos demonstrar essa reflexão ao longo do presente artigo.

Para melhor localizarmos as discussões sobre o mundo do trabalho, delineamos uma perspectiva crítica e histórica, traçando um breve percurso para compreendermos o homem enquanto sujeito em uma sociedade capitalista, que sobrepuja as subjetividades e enaltece o enriquecimento e o lucro. Desde a Revolução Industrial que, marcadamente, podem ser notadas as contradições e as alienações decorrentes do sistema produtivo.

Destacamos a exploração do trabalhador e a fragmentação do processo do trabalho, com conseqüente separação do produtor e seu produto. As patologias são inerentes a esse processo quando ocorre a perda da subjetividade e o homem deixa de se sentir inserido no meio social onde vive.

Desta forma, por este estudo, procuramos compreender como se dão inicialmente as relações do homem com o seu trabalho, do produtor com o seu produto, do sujeito com o objeto, estabelecendo uma crítica ao surgimento e manutenção de um sistema predatório de produção que retira do homem a saúde e o projeta dentro de um sistema que o desumaniza.

As características de algumas doenças relacionadas ao trabalho que aqui colocamos buscam enfatizar as perdas que insistem em aparecer em uma sociedade que valoriza a acumulação da riqueza e propaga a ideia de que tal acúmulo seria válido por si mesmo. Quando colocamos o foco nas feridas do capitalismo, uma que se torna evidente é o adoecimento da pessoa, que lhe faz parecer a vida um constante convite a não-ser.



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

1 UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE O HOMEM E SEU TRABALHO

Se eu fosse árvore entre as árvores, gato entre os animais, esta vida teria um sentido ou antes tal problema não o teria, pois eu faria parte deste mundo. Eu seria este mundo ao qual me oponho agora com toda a minha consciência e com toda a minha exigência de familiaridade. Esta razão tão derrisória, é ela que me opõe a toda a criação.

Albert Camus

Buscar compreender o ser humano é uma ação que nos coloca sempre a questionar o quão profundo podemos chegar. Um dos pontos possíveis é, sem dúvida, o percurso histórico. Dentro desse percurso há um fator que se torna preponderante: o trabalho. E, por sua vez, diante desse fator, uma questão se nos parece importante: como o homem se relaciona com o trabalho? É, precisamente, este o percurso a que nos propomos no presente artigo.

Primeiramente, podemos considerar que é pelo trabalho que o homem se relaciona com a natureza, pois é nela que ele deve viver e é dela que deve colher o seu sustento. Isso se dá pelo trabalho. É por meio dessa ação que o homem se expressa e molda o seu entorno, transforma a natureza e é transformado por ela. Tal intervenção – tida aqui como livre e consciente – constitui sua própria subjetividade e faz parte de seu processo de autocriação. Assim, o ato de trabalhar assume formas variadas de acordo com as diversas necessidades humanas nesse ato relacional. O trabalho é, pois, responsável por um ponto fundamental na vida do indivíduo, participando sobremaneira de sua construção identitária e social, pleno de emoções, conflitos, sentimentos e afeições pois, como dito, sendo o trabalho a ação do homem na natureza (e na sociedade), é por ele que natureza e sociedade também influenciam o homem, introduzindo uma situação dialética onde ambos deveriam evoluir.

No entanto, o trabalho introduz um dilema: ele é também espaço de conflito

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

Durante todo o curso histórico envolvendo a humanidade e o trabalho, o homem demonstrou o quanto se diferencia dos outros seres vivos. Pelo trabalho o homem cria e transforma. Mas é importante notar que os animais também trabalham. Eles também, a seu modo, modificam a natureza a fim de satisfazer suas necessidades. Mas o que diferencia as ações humanas das dos animais é justamente a capacidade de projetar. De fato, o homem pensa em seu trabalho, projeta a sua construção, mobiliza emoções e afetos antes de colocá-lo em prática. Isso é fator de seu engrandecimento (MARX, 1867/2013).

Portanto, o ser humano não se restringe a um trabalho objetivo, pois que externaliza sua subjetividade e materializa o que projetara, colocando em cena seus desejos, sentimentos, ideias e emoções, atribuindo um sentido para o labor. Não é ele um ser isolado e, por isto, o trabalho também permite uma série de relações intersubjetivas, criando um mundo de trocas materiais e simbólicas, onde sujeitos diferentes agem, ora em prol de uma única ação, ora em ações diferentes que se querem harmônicas e complementares. Então, compreendemos que a ação laborativa humana foi deixando de ser uma mera relação imediata com a natureza para se constituir em relações com outros homens e, portanto, com outras ideias e até mesmo com perspectivas diferentes. Ora, como sabemos, essas relações intersubjetivas são, também, relações conflitivas, haja vista que a subjetividade vem carregada de olhares e versões nem sempre convergentes.

Façamos, pois, uma breve pausa ilustrativa para refletirmos sobre uma situação de trabalho.

Naquele tempo toda a humanidade falava uma só língua. Deslocando-se e espalhando-se em direção ao oriente, os homens descobriram uma planície na terra de Sinar e depressa a povoaram. E começaram a falar em construir uma grande cidade, para o que fizeram tijolos de terra bem cozida, para servir de pedra de construção e usaram alcatrão em vez de argamassa. Depois eles disseram: “Vamos construir uma cidade com uma torre altíssima, que chegue até aos céus; dessa forma, o nosso nome será honrado por todos e jamais seremos dispersos pela face da Terra!”



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

O Senhor desceu para ver a cidade e a torre que estavam a levantar. “Vejam se isto é o que eles já são capazes de fazer; sendo um só povo, com uma só língua, não haverá limites para tudo o que ousarem fazer. Vamos descer e fazer com que a língua deles comece a diferenciar-se, de forma que uns não entendam os outros.”

E foi dessa forma que o Senhor os espalhou sobre toda a face da Terra, tendo cessado a construção daquela cidade. Por isso, ficou a chamar-se Babel, porque foi ali que o Senhor confundiu a língua dos homens e espalhou-os por toda a Terra (Gn 11, 1-9).

A proposta dessa narrativa é apresentar algumas questões inerentes ao trabalho, quais sejam: pelo trabalho o homem busca superar os seus próprios limites (metaforizado na torre); pelo trabalho, tensiona unir o caos da terra à ordem cósmica do céu; pelo trabalho o homem faz ações coletivas que lhe superam continuamente. Segundo a mesma narrativa, esse tipo de trabalho foi-lhe interdito, significando que, por mais que queira seguir uma única tarefa marcada por uma única meta, as suas intenções não são unívocas. Parece que as tarefas trazem em si mesmas um gérmen de sua destruição e determinando o fracasso. Os desejos são vários (metaforizados pela confusão das línguas) e, sendo o trabalho desarmônico, os resultados não são jamais alcançados. Então, de criador de si mesmo pelo trabalho, o homem se vê um destruidor do trabalho que lhe proporcionaria evoluções.

Mas o homem não é um ser isolado. Por mais que Babel ilustre as tentativas não concluídas das ações tomadas em conjunto, ele se vê compelido ao trabalho social. Assim ele se vê nas relações intersubjetivas nas quais deve renunciar aos pensamentos e atos egoístas e reconhecendo sua capacidade de produzir, conscientemente, os meios de seu trabalho tais como: o saber, a ferramenta e o ato de fabricar, desenvolvendo-se e aumentando sua capacidade de trabalhar sempre mais e melhor. Assim, pelo trabalho, o homem não é mera existência física, mas uma autêntica exteriorização de si mesmo e um constante trabalho de seu egoísmo. Entendemos que aquilo que o homem produz é imagem de si mesmo. Então, entender o trabalho e seus processos é uma das formas de entender o ser humano.

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

De acordo com Areosa (2013), o ser humano se apresenta em duas dimensões principais: em uma ele é corporalidade, presença física, desejos e impulsos e, em outra, ele é social e cultural. Segundo o autor, “as relações sociais (incluindo as de trabalho) são profundamente dominadas por interesses diversos, por empatias e simpatias pessoais, por imposições ou, pelo contrário, por escolhas livres, por estratégias coincidentes ou descoincidentes entre os sujeitos envolvidos” (AREOSA, 2013, p. 15).

Ao que nos parece, as estratégias coincidentes são aquelas que promovem a harmonia e a realização do trabalho, ao passo que as descoincidentes promovem a ruptura e a descontinuidade, gerando dissabores e frustrações dos indivíduos tomados isoladamente ou dos grupos. Neste ponto, o homem deixa de se reconhecer no trabalho, identificando-o como uma atividade estranha a si mesmo – algo que lhe retira a capacidade criativa e o reduz a engrenagem útil para o fabrico de coisas úteis para todos, mas frágeis de um caráter humanitário.

Areosa (2013) identifica, aí, uma certa mortificação do sujeito: onde há uma dura separação entre o produto e o produtor.

Talvez, uma das demonstrações mais importantes dessa ruptura esteja, por exemplo, neste excerto:

O grupo apto ao trabalho era levado para uma sala aonde tiravam as roupas e passavam por uma nova seleção. Após esse procedimento, todos os pelos do corpo eram raspados para evitar as epidemias de tifo e os prisioneiros passavam por um processo de desinfecção. Recebiam roupas, já usadas que não poderiam ser perdidas. Os prisioneiros que iriam permanecer em Auschwitz eram tatuados com o seu número de registro no campo, a partir daquele momento perdiam a sua identidade e passavam a ser apenas um número. Nos demais campos, o número do registro era costurado nas roupas. Além do sistema de identificação por números, cada tipo de prisioneiro era identificado por triângulos coloridos, pregados em suas vestes (ESPÍNDULA, s/d).

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

Afinal, a ironia demonstrada no portão de entrada do campo de concentração de Auschwitz fazia menção ao trabalho: *Arbeit macht frei* (o trabalho liberta). Na verdade, como nos informa continuamente a História, o trabalho foi tomado do homem, fazendo-o realizar ações inúteis, como carregar pedras de um lado e depois devolvê-las para o lado inicial; como cavar enormes buracos e depois voltar a cobri-los – demonstrando o desprezo total que se tinha para aquele que realiza essas ações: homens inúteis, ações inúteis. O trabalho, afinal, como qualquer outra ação humana, pode ser usado para a desumanização. Quando o homem se estranha no seu trabalho, no produto de sua ação, ele perde sua identidade e as formas diversas de se identificar com o mundo e com o outro.

Com a mortificação do sujeito – essa separação entre produto e produtor – surge uma questão a ser estudada, aqui designada como o entendimento das consequências que passam pelo caráter negativo do trabalho. A chamada Clínica do Trabalho se debruça, portanto, sobre o trabalho que não produziu os resultados esperados, sobre o trabalho que não honrou sua promessa de trazer dignidade ao homem, sobre o trabalho que destituiu o homem de sua subjetividade, colocando-o no lugar de objeto. A Psicopatologia do Trabalho, surgida no século XX, passou a envolver várias disciplinas na consideração do mesmo problema: Psicologia, Ergonomia, Sociologia e Medicina. O foco principal era a compreensão das várias doenças que surgiam ao homem articuladas ao labor. No campo próprio da Psicologia, além de buscar um entendimento acerca da Psicopatologia do Trabalho, buscou-se também compreender a Psicodinâmica do Trabalho, dado o seu caráter híbrido e dinâmico. A partir daí instaurou-se um debate ampliado, levando em conta que o trabalho, além da dimensão do labor, que coloca o corpo em movimento e em questão de realização ou de adoecimento, haveria que se levar em conta principalmente a saúde mental do trabalhador. As discussões passaram, pois,

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

a dar conta do sofrimento psíquico gerado pela violência simbólica³ produzida pelas organizações de trabalho e, em contrapartida, quais seriam os artifícios utilizados pelos trabalhadores para se defender desse sofrimento.

Uma das abordagens teóricas, segundo Areosa (2013) é o conceito de sublimação, por ser um mecanismo de defesa utilizado contra o viés negativo do trabalho.

O conceito de sublimação assume, neste contexto, uma importância extraordinária. Podemos entender a sublimação como um mecanismo de defesa contra as energias/impulsos psíquicos negativos, transformados em algo positivo e socialmente valorizado. Assim, o sofrimento provocado pelo trabalho pode ser metamorfoseado pela sublimação, tornando-se em prazer (AREOSA, 2013, p. 32).

Esse mecanismo talvez explicaria o fato de como alguns indivíduos conseguem manter o bom funcionamento psíquico mesmo diante de situações que poderiam causar sofrimento, podendo ser coletivas ou individuais. No entanto, esta é apenas uma breve abordagem sobre uma teoria que pode lançar luzes na problemática a fim de tentar explicar o fato de muitos indivíduos conseguirem manter a saúde mental mesmo diante de condições inóspitas dentro do ambiente do trabalho.

Mas a sublimação não é um mecanismo inconsequente. Ela não produz uma tolerância vazia de sentidos para o sujeito que, a seu modo, é capaz de organizar-se a fim de manter-se saudável em suas condições de trabalho.

É o mesmo autor – Areosa (2013) – quem estabelece uma diferenciação entre dois tipos de trabalhos: o trabalho prescrito e o trabalho real. O primeiro diz respeito às expectativas das instituições frente as ações a serem desempenhadas e tem um aspecto ideal; o segundo relaciona-se ao trabalho que, de fato, é executado pelo trabalhador, com toda a sorte de recursos para se fazer aprovável no ambiente institucional.

³ O termo violência simbólica é de Pierre Bourdieu que, junto a Jean-Claude Passeron (2009), discutiu os processos onde se instauram e se perpetuam determinados valores culturais.

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

O que se pode depreender é que o trabalho prescrito, mesmo em sua melhor organização e elaboração, deixa de considerar inúmeros fatores e circunstâncias que geram incertezas, falhas, riscos e acidentes – apontando para as limitações humanas diante do que presumem as instituições de trabalho. Este é um dos motivos pelo qual o trabalho prescrito tende a se destoar do trabalho real.

Portanto, se o homem difere-se dos outros animais por apresentar um trabalho mais elaborado, projetável e racional, também deles se difere por ser um animal que se aliena nas relações laborativas e institucionais, inserindo-se em uma engrenagem que o destrói enquanto pessoa e o coloca em relação de objeto, passível de ser massificado pelas máquinas propriamente ditas como pela engrenagem metafórica dos discursos que pretendem fazer o trabalhador compreender que lhe basta tão-somente um fazer, sem a necessidade de um saber. Aos poucos, essas engrenagens metafóricas vão mostrando ao trabalhador que sua razão pouco importa, que sua racionalidade é insolente, que seu pensamento é improdutivo e inócuo, fazendo-o crer na preponderância do lucro e na mesquinhez de seus afetos.

Segundo a mitologia grega, o trabalho é ilustrado na figura do jovem Sísifo, que recebera dos deuses um castigo: trabalhar⁴. Seu trabalho consistia em mover uma grande pedra montanha acima até chegar ao seu cume. O infeliz Sísifo acabou por compreender que, inobstante os seus esforços, sempre que estava prestes a atingir o alto da montanha, a grande pedra lhe escapava das mãos e rolava morro abaixo. Ele, pois, se via condenado a cumprir diariamente uma tarefa altamente improdutiva e, ao reiniciá-la a cada momento, refletia sobre a escassez de seus recursos racionais para cumprir um trabalho que lhe era infinitamente superior. Quem seria o mais importante? – refletia – o homem ou a pedra?

⁴ A ideia de relacionar o trabalho ao castigo também está presente em outras mitologias (Cf. Gn 3, 19).

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

2 O TRABALHO COMO PATOLOGIA DO SOCIAL

Para melhor compreender o fulcro do pensamento de Dejours acerca do trabalho, vamos lançar mão do que afirmara Rodrigues, Alvaro e Rondina (2006, p. 1) acerca de suas considerações. Segundo eles, “o sofrimento no trabalho constitui-se como uma das consequências da insistência do ser humano em viver em um ambiente que lhe é adverso. A relação do homem com o trabalho nunca foi fácil, até mesmo a etimologia da palavra denota algo penoso e, até mesmo, indesejado, *tripallium*, instrumento de tortura feito com três paus.”

Esse pensamento emerge durante o desenvolvimento industrial do século XX, quando foi experimentado um grande crescimento urbano em função da forte atração exercida pelas cidades. Segundo Braudel (1996), uma cidade é sempre uma cidade – onde quer que ela se encontre, exerce o seu fascínio e as pessoas acorrem a elas: Rio de Janeiro, São Paulo, Londres, Roma, Amsterdã e Paris. Atraídas pelas suas luzes e por melhores condições de vida prometidas pela crescente industrialização. Posteriormente, a cidade também lhes revela seus subterrâneos, seus guetos, seu aspecto devorador. Um desses aspectos é, sem dúvida, a exploração do trabalho. Nesse início de século, houve uma grande concentração humana nas áreas urbanas, o que precarizou a vida como um todo e, com ela, as condições de trabalho. Crianças eram utilizadas como mão-de-obra e, para os operários de uma forma geral, os salários pagos eram insuficientes para a vida digna.

O que o trabalho exige do homem pode promover não a sua dignidade, mas o seu sofrimento, fazendo surgir doenças específicas. Não obstante, durante o mesmo século XX, os trabalhadores também realizaram suas conquistas, como o direito à vida, a partir do qual buscavam por melhores condições de vida e de trabalho, procurando minimizar os acidentes, os riscos e trabalhavam em prol das prevenções das doenças laborativas. Muito provavelmente, trata-se dos antídotos criados pelo próprio capitalismo para remediar as feridas sociais e culturais trazidas por sua lógica exploradora.

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

Primeiramente, ao adoecer trabalhando, a primeira percepção é corporal. De fato, é o corpo que sente o cansaço e as feridas dos acidentes provocados pelas máquinas. É, pois, a segunda metade do século XX que começa a registrar condições piores e, portanto, registram-se greves, absenteísmos, paralisações e sabotagens no sistema de produção industrial da época (o chamado taylorismo).

Dejours (*apud* RODRIGUES, ALVARO e RONDINA, 2006) considera que as relações de trabalho nas organizações têm como consequência a exclusão do trabalhador de sua subjetividade, fazendo do homem não o agente, mas uma vítima de seu próprio trabalho. A cultura é a maneira como o homem interpreta a natureza – natureza que ele mesmo modifica para garantir sua sobrevivência, dando sentido àquilo que está em seu entorno. Se o trabalho é a externalização da subjetividade no mundo, suas más consequências ocorrem quando os resultados funestos se voltam contra si mesmo.

Compreendemos, pois, que o homem sofre com o seu trabalho. Melhor dizendo: sofre as consequências de seu trabalho em seu corpo e sua mente. Talvez, o mais importante desse sofrimento seja a frustração diante da promessa de felicidade, bem-estar e realização pessoal feitas pelo trabalho. No entanto, os resultados cotidianos demonstram que há uma grande diferença entre o que foi prometido e o que foi concedido pelo trabalho. Ora, como bem sabemos, onde há frustração há um desencadeamento de sofrimentos psíquicos. Afinal, ao trabalhar, o homem se coloca em condições de riscos, seja no ambiente físico (baixa luminosidade, sons muito altos, temperaturas desagradáveis); seja no químico (poeiras, vapores, gases e fumaças) ou no biológico (exposição do corpo a agentes patológicos, tais como vírus, bactérias, fungos e outros parasitas). Abrem-se, pois, a variedade de possibilidades para conduzir o trabalhador ao adoecimento e ao sofrimento físico e mental.

A ordem social capitalista gerou um importante delineamento do que é o normal. Ainda que esse seja um conceito questionável, os seus pressupostos

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

continuam válidos. Portanto, estar inserido no mundo do trabalho é, de alguma forma, um apoio para o indivíduo que, para se sentir como parte da sociedade livre, deve também alienar-se de sua liberdade plena, inserindo-se em alguma frente de trabalho. No entanto, o conceito de normalidade também remete a um equilíbrio entre o físico e o psíquico e, desses, com o social. Ora, não são raras as condições nas quais as ações de trabalho colocam em risco tal equilíbrio e, por consequência, a própria normalidade enquanto tal.

Dejours (*apud* RODRIGUES, ALVARO e RONDINA, 2006) discute a ambivalência entre o trabalho e o bem-estar. Essa ambivalência diz respeito ao teatro do trabalho, pois é onde ocorre a disputa entre o bem-estar e o adoecimento (a loucura). O bem-estar é referente ao ambiente ideal, positivo, aquele que traz realizações ao trabalhador, fazendo-o sentir prazer na contemplação do produto de suas mãos. Em oposição, um ambiente negativo ocorre quando o trabalho subjuga o trabalhador, trazendo ódio ao produto de seu trabalho. Nesse teatro do trabalho, o sofrimento é inerente e inevitável pois, ao entrar em uma organização de trabalho, o homem se vê inserido em um espaço onde ele passa a experimentar diversas formas de realizações sociais, o que haveria de lhe possibilitar uma realização profissional e psíquica. O ambiente de trabalho (teatro) é composto por personagens que desempenham um papel (empregados, supervisores, colegas, patrões), constituindo-se como personagens dentro da organização. Essa, por sua vez, dispõe de hierarquias e de um enredo, onde se encontram a instabilidade, os preconceitos e a ameaça do desemprego dentro de um cenário específico. Por sua vez, cumprem também o seu papel de espectadores, a família e os amigos. Por seu turno, esse espetáculo traz consigo uma busca pela aprovação que se renova a todo instante, pois que as expectativas também variam. Se não houver a aprovação, o sofrimento poderá emergir na trama desse drama social, cuja intensidade será respondida pelo próprio trabalhador no exercício de suas funções. Neste contexto, a normalidade é mais exceção

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

do que regra e, portanto, o adoecimento no trabalho acaba por ser uma realidade para muitos.

3 TRANSTORNOS MENTAIS E COMPORTAMENTAIS RELACIONADOS AO TRABALHO

O trabalho é um desafio para o ser humano. A Revolução Industrial participou dos processos de dessacralização do mundo e, com isto, o trabalho também perdeu o seu caráter sagrado para se tornar uma atividade voltada, quase que exclusivamente, ao progresso da burguesia. O trabalho passou a ser compreendido como força humana explorada a fim de gerar lucros sempre maiores. As relações entre o trabalho e o capitalismo trouxe o adoecimento. Parece que o moderno desenvolvimento empresarial foi destituindo o sujeito, tornando-o frágil em relação ao objeto produzido pela sua ação no mundo. O mundo do trabalho tornou-se, pois, um mundo privilegiado das mais diversas formas de adoecer. O Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM-V) e a Classificação Internacional das Doenças (CID-10) apresentam vários distúrbios relacionados à ação do homem no mundo do trabalho.

Não vamos nos deter aqui nas discussões que trazem as obras acima por considerá-las fora do escopo do atual trabalho. Apenas citamo-las a fim de colocar em evidência que as doenças adquiridas pelas atividades humanas nas empresas tornaram-se passíveis de discussões ou, no mínimo, de constatação: o trabalho e seu ambiente são capazes de provocar distúrbios muito sérios para a vida do trabalhador. A partir daí, ocorre-nos a seguinte problematização: promover a saúde do trabalhador demonstra uma tentativa de respeitar o homem ou de preservar a empresa? Tendo em vista que o trabalhador é necessário para produzir os lucros, a empresa acaba perdendo com o seu adoecimento. Assim sendo, as políticas de proteção do trabalhador visam mais à saúde da empresa e a manutenção de seus processos produtivos do que à saúde e bem-estar do trabalhador. No entanto, não se pode simplificar por

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

demais as coisas. Afinal, não se pode desconsiderar o aspecto das lutas do trabalhador para conquistar melhores lugares e condições nesse mundo regido pela ordem capitalista. Assim, os direitos conquistados também forçaram as políticas a criar condições melhores para o desenvolvimento da saúde e do bem-estar do trabalhador.

Mesmo assim, constata-se o adoecimento provocado pelo trabalho. É possível distinguir o comportamento patológico do não-patológico. O não-patológico seria uma conciliação do sofrimento psíquico consequente do trabalho com as defesas psíquicas do indivíduo. Por sua vez, o comportamento patológico é compreendido como uma desestabilização entre a personalidade do indivíduo e as demandas do trabalho. Ambos influenciam questões sociais, culturais, biológicas, econômicas e neurológicas (RODRIGUES e CALHEIROS, 2019).

Para que determinado comportamento seja considerado patológico, ou seja, fora do casual e da normalidade, é preciso que sua ocorrência não seja isolada e que seja acompanhado de outros sinais identificáveis.

De acordo com Rodrigues e Calheiros (2019), as patologias estão envolvidas por uma grande gama de condições variadas que, a seu modo, dificultam a conclusão de forma imediata sobre a existência de determinado transtorno. A escuta da história do sujeito é indispensável para que seja identificada a presença ou não de um quadro patológico. Este, a seu modo, deve se relacionar com aspectos mais amplos de sua vida, tais como a família, a comunidade e a cultura de uma forma geral.

Ao analisar as fontes referenciais para melhores compreensões dos estudos sobre os transtornos de comportamento relacionados ao trabalho, é importante salientar que a pessoa não deve se limitar a um determinado diagnóstico. Ademais, como se sabe, há uma relação entre o agente externo causador de determinada patologia que se associa a uma questão particular do sujeito, algo que lhe constitui como pessoa e que está consigo há muito tempo. A dinâmica do trabalho somente vai mostrar e fazer crescer o que subjaz ao

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

sujeito. Então, patologias como demência, delirium, transtornos cognitivos, alcoolismo crônico, episódios depressivos, Burnout, entre outros, podem ser encontrados nas descrições sobre o sujeito adoecido pelo trabalho. Estar sujeito ao trabalho pode significar estar sujeito ao adoecimento próprio desse mundo de competidores.

Um dos transtornos por exposição a agentes neurotóxicos é o alcoolismo. Ingestão de uma substância tóxica com graves consequências orgânicas que se relaciona com condições de trabalho e a necessidade de o sujeito dar respostas adequadas às interpelações de uma economia dinâmica. Ao lado desse motivo, há outros fatores como a disponibilidade de acesso ao álcool, pressões e normas sociais, ausência de uma autoridade limitadora, tensão, estresse, constatação da inoperância de suas ações, dentre outros (RODRIGUES e CALHEIROS, 2019). O que se pode depreender disto é que, no exemplo acima sobre as relações entre o alcoolismo e o trabalho tangencia as condições de produção do próprio trabalho. Muitas vezes, o trabalhador não dispõe de um espaço de fala e nem de escuta e, portanto, busca outros meios para aliviar seu sofrimento. O alcoolismo é apenas um deles. Todo trabalhador está propenso a acionar essas “válvulas de escape” quando se encontra sob tensão. Algumas profissões, no entanto, trazem mais vulnerabilidade, tais como aquelas que lidam com cadáveres, lixos, público, quando se exige o afastamento do meio familiar, dentre outros.

A Síndrome do Esgotamento Profissional – também chamada como Síndrome de Burnout – é o que queremos evidenciar nesta pesquisa. A ela, outros estados patológicos se associam, denunciando o mal-estar no trabalho civilizado. Vejamos alguns exemplos: a) os Episódios Depressivos estão relacionados com a forma como o indivíduo passa por situações negativas de forma repetitiva, culminando no sentimento de frustração, de sobrecarga de obrigações, posições de competições, incertezas quanto à permanência no emprego, desvalorização, perda do emprego e precarização das condições de trabalho (RODRIGUES e CALHEIROS, 2019). Em alguns momentos esses

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

sinais e sintomas mostram-se de forma leve e branda: desânimo e absenteísmo são os mais recorrentes; b) o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) relaciona-se com as condições de trabalho quando o indivíduo passa por uma situação traumática ligada direta ou indiretamente com as condições de trabalho. Esse transtorno aparece como uma resposta dada pelo sujeito àquela condição. Há situações que podem ser consideradas precursoras do TEPT em um ambiente de trabalhos, quais sejam: acidentes, riscos de morte ou quase morte, perigo iminente, responsabilidade pela vida do outro. Outros fatores que podem acarretar em uma incidência de TEPT seria a estimulação de uma vivência similar à que dantes ocorrera, desencadeando lembranças do ocorrido e provocando igual resposta estressante ao trauma similar; c) a Síndrome da Fadiga Relacionada ao Trabalho está relacionada ao fato de que o mercado de trabalho está se tornando cada vez mais tecnológico, com exigências próprias das modernas tecnologias e exigindo qualificações do trabalhador. Desta forma, o trabalho se torna a principal atividade na vida do indivíduo, que se vê compelido a direcionar suas ações e interesses apenas para essa face de sua vida. Essa síndrome consiste em um esgotamento físico e psicológico grave e crônico, tendo suas causas um relacionamento direto com a falta de descanso, trabalho monótono, condições de trabalho, pressão por resultados e longos turnos de atividades laborativas. As consequências apontadas são: insônia, irritabilidade, cefaleia, tonturas e dores. São, pois, condições que deixam o indivíduo sempre mais vulnerável a sofrer acidentes dentro de seu ambiente de trabalho; d) a Neurose Profissional pode ser desdobrada, para melhor entendimento, em três desdobramentos: Neurose Profissional Atual, Psiconeurose Profissional e Neurose de Excelência. A primeira se refere a algum trauma que ocorre em um momento atual, a segunda como o desencadeamento de algum conflito infantil inconsciente por causa de alguma situação de trabalho e a terceira está relacionada às formas de investimento pulsional na organização da busca incessante por um ideal profissional (RODRIGUES e CALHEIROS, 2019).

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

Então, para uma melhor compreensão do funcionamento da Síndrome do Esgotamento Profissional (Burnout), é preciso enfatizar que envolve relações sociais e emocionais mais complexas, onde indivíduos que assumem postos de lideranças ou de grandes responsabilidades (ou até mesmo indivíduos que trazem consigo um grande empenho para alcançar as metas estabelecidas, ainda que utópicas sejam suas conclusões) estão constantemente expostos a condições estressoras, cujas consequências vão culminar na perda pelo significado atribuído ao trabalho, deixando de lado aquela posição que era sua característica no contexto profissional. A exaustão emocional é a principal característica dessa síndrome.

É preciso melhor considerar as ações do indivíduo diante de seu trabalho e de como ele se identifica com a síndrome. Na maior parte das vezes, o indivíduo declina de sua subjetividade e interesses, passando invariavelmente a orbitar cenas empresariais, sem se deter em qualquer uma delas. Parece-lhe que o estado de esgotamento mental o impede de relacionar-se diretamente com qualquer tarefa, impedindo-o de se colocar de forma responsável no mundo do trabalho. Mas o capitalismo, ao ver suas misérias, procura de pronto colocar remendos odiosos nas feridas causadas. Pode ser que a identificação de uma condição do mal-estar na civilização moderna esteja identificada como a Síndrome de Burnout, na qual não se desconsideram as condições de trabalho mas, como visto, a ênfase é dada na resposta do indivíduo. Se não fizermos um olhar atento, retiraremos a responsabilidade do mundo tecnicista e a atribuiremos tão-somente ao sujeito, tendo em vista que, se sua resposta for patológica às pressões do trabalho, isso se relaciona diretamente às repostas dadas às interpelações do mundo externo, que remontam às fases iniciais do desenvolvimento psicosssexual⁵. Não nos colocamos em desacordo com tais considerações teóricas, afinal, não apenas no mundo do trabalho, mas em todos os aspectos da civilização há

⁵ Melhores considerações acerca das fases do desenvolvimento psicosssexual estão em FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1903-1095).

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

demonstrações das respostas subjetivas à ameaça da castração. Mas, ainda assim, os aspectos trabalhistas não podem ser considerados isentos pois, via de regra, o indivíduo se vê frustrado diante das condições, ao passo que pouco ou nada é transformado na máquina que delinea o universo das formas de trabalho.

A avaliação do trabalhador em relação à identificação do transtorno é de suma importância. É preciso saber se há algum comprometimento dele diante da doença, como a gravidade e a duração dos sintomas. Com relação à gravidade do transtorno apresentado, há uma variação de acordo com a quantidade dos sintomas apresentados e como eles influenciam no funcionamento e nas relações sociais do indivíduo, podendo ser classificado como leve ou agudo. Outra característica a ser analisada seria a duração e os períodos de tempo que ocorrem, podendo ser classificados como temporários ou permanentes. O primeiro traz transtornos episódicos, que não comprometem a qualidade de vida do indivíduo, ao passo que o segundo tem caráter permanente, grave e crônico, que comprometem outros aspectos da vida do sujeito (RODRIGUES e CALHEIROS, 2019).

Recentemente, há uma importância a ser dada às chamadas Patologias Sociais que, no ambiente de trabalho, podem mesmo ser naturalizadas⁶ pelo ambiente corporativo. Sobrecarga de atividades e violência competitiva condizem com as formas instauradas pelo mundo do trabalho que, não raro, submete o indivíduo a práticas desumanizantes.

As relações entre o homem e o trabalho não pode ignorar os processos psíquicos. Esta preocupação remonta ao início do século XX a partir dos princípios de racionalização dos processos de trabalho. O desenvolvimento industrial – que exigia uma maior aplicação dos princípios tecnicistas para uma

⁶ A proposta de naturalizar questões culturais é uma das mais funestas consequências do mal-estar trazido pela civilização. Naturalizar a competição entre os trabalhadores de uma empresa, porque a natureza se revela constantemente competitiva seria uma maneira equivocada de considerar que os aspectos biológicos da seleção natural tenham um inegável correlato nas condições sociais e trabalhistas.

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

melhor realização do trabalho – trouxe grandes impactos na vida psíquica do trabalhador.

Tomemos, brevemente, uma consideração de Freud sobre o trabalho humano:

A atividade profissional constitui fonte de satisfação, se for livremente escolhida, isto é, por meio de sublimação, tornar possível o uso de inclinações existentes, de impulsos instintivos (pulsionais) persistentes ou constitucionalmente reformados. No entanto, como caminho para a felicidade, o trabalho não é altamente prezado pelos homens. Não se esforçam com relação a ele como o fazem com relação a outras possibilidades de satisfação. A grande maioria das pessoas só trabalha sob pressão da necessidade, e esta aversão humana ao trabalho suscita problemas sociais extremamente duros (FREUD, 1930-1936/2016, p. 174).

Dejours (1987) foi um dos críticos desse processo. Segundo ele, a organização do trabalho mecanizado se apresenta como responsável pelas consequências danosas para o psiquismo humano. Wisner (*apud* Mendes, 1995) compartilha dessa mesma visão, ao considerar que a dimensão psíquica do trabalho, que é definida em termos de níveis de conflitos dentro das representações entre a pessoa e a organização do trabalho, interfere na percepção que o trabalhador tem de seu trabalho.

Quando há satisfação de suas necessidades, o indivíduo experimenta o prazer no trabalho. Do contrário, estará o indivíduo exposto a condições desfavoráveis para a sua saúde física e mental.

A organização do trabalho exerce sobre o homem uma ação específica, cujo impacto é o aparelho psíquico. Em certas ocasiões emerge um sofrimento que poderá ser atribuído ao choque entre uma história individual, portadora de projetos, de esperanças e de desejos e uma organização do trabalho que as ignora (DEJOURS, 1987, p. 89).

Considerando que a civilização impõe limites à satisfação dos desejos, o indivíduo procura satisfazê-lo de outras formas. Uma delas é a sublimação. No entanto, nem sempre há possibilidades sublimatórias disponíveis. Então, a

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

pulsão é redirecionada para o próprio corpo do sujeito, causando-lhe os diversos tipos de sofrimentos. Assim, o trabalho, como um dos representantes do mundo externo ao sujeito, pode representar uma fonte de prazer ou de sofrimento, desde que as condições externas atendam ou não as necessidades apresentadas pelo sujeito.

Desta forma, consideramos que a busca do prazer no trabalho e a fuga do desprazer constituem um desejo permanente para o trabalhador em face das exigências contidas no processo, nas relações e na organização do trabalho. Este, muitas vezes, só oferece condições contrárias a este propósito, gerando desprazer, expresso numa vivência de sofrimento, com sintomas específicos, transformando o trabalho em necessidade de sobrevivência, no lugar de fonte sublimatória de prazer (MENDES, 1995, p. 35).

Entendemos, pois, que o dinamismo está na relação. O trabalho pode ser fonte de adoecimento ou fonte de realização pessoal. No entanto, nem sempre é o sujeito o agente da escolha. Não raro, ele é escolhido pelo trabalho. Ele se insere no número de vagas disponíveis e no salário ofertado. Quando o Estado Democrático de Direito cuida das relações entre homem e trabalho, as possibilidades de injustiças decrescem sobremaneira. Mas a relação que o sujeito estabelece com o trabalho deve ser compreendida também em vice-versa, pois as organizações passam a exigir do sujeito uma produção que nem sempre lhe é viável.

Adoecer no trabalho não é simples opção. É preciso que o sujeito se dê conta da dinâmica das relações, a fim de construir continuamente melhores condições. Neste sentido, o clamor histórico de Marx continua sendo necessário: “Trabalhadores de todo o mundo, uni-vos! Nada tender a perder, a não ser os grilhões que vos atam em situações degradantes!” (MARX e ENGELS, 1872/1997, p. 86).

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse artigo foi possível compreender a importância da psicodinâmica do trabalho, bem como suas patologias. Por meio dos referenciais apresentados a partir de uma perspectiva crítica, demonstramos o quanto complexo e multidimensional se mostram os processos psicossociais presentes em um ambiente de trabalho. Suas influências na saúde mental dos trabalhadores são inegáveis, haja vista que a dinâmica psíquica não está contida unicamente em ambientes que poderiam ser compreendidos isoladamente na vida do sujeito. A vida psíquica, como sabemos, não é estática e tampouco estanque.

Compreender a psicodinâmica do trabalho é ter um olhar abrangente sobre as dimensões subjetivas e coletivas que permeiam as vivências laborais, destacando a importância de considerar os aspectos emocionais e relacionais no contexto profissional. Tal compreensão também oferece subsídios para o entendimento das patologias. As demonstrações aqui feitas possibilitaram-nos complementar uma perspectiva que leva em conta, indubitavelmente, a ação crítica do psicólogo – não importando sua área de atuação, haja vista que os adoecidos pelo trabalho solicitam a Psicologia para conferirem um outro sentido à vida, que não apenas aquele ditado pela lógica da produção industrial.

Nesse percurso, foi-nos possível identificar as contradições presentes no sistema capitalista, enfatizando as formas de exploração, desumanização e mortificação do sujeito, alienando o indivíduo de sua subjetividade, culminando no seu esgotamento. As relações de poder, as condições sociais e econômicas estão na base estrutural de um sistema que se mostra desumano, quando deveria promover o bem-estar de todos para o progresso coletivo – isto não é mera utopia.

Portanto, torna-se evidente a necessidade de promover ações que visem à prevenção e ao enfrentamento das patologias no mundo do trabalho, considerando não apenas os aspectos individuais, mas também suas



UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

estruturas e rede de relações inerentes. Isto se dá pela compreensão dos problemas e pela discussão das estratégias possíveis. Identificamos que as relações entre a psicodinâmica do trabalho, a patologia proveniente das atividades laborativas e a compreensão delas é um convite à reflexão de como é importante uma abordagem multidimensional e multiprofissional em um ambiente que se quer simples, mas que se mostra como um universo de complexidades: o ambiente do trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AREOSA, J. Comentário ao artigo “A sublimação, entre sofrimento e prazer no trabalho” – Christophe Dejours e a Psicodinâmica do Trabalho. **Revista Portuguesa de Psicanálise**, 33 (2), p. 29-41, 213. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/26902/1/Christophe%20Dejours%20e%20a%20Psicodin%20mica%20do%20Trabalho.pdf> Acesso em 19 de maio de 2023.
- BÍBLIA Sagrada. **Gênesis**. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 2020.
- BOURDIEU, P. PASSERON, J.-C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do Sistema de Ensino. Trad. Perdígão Gomes da Silva. Veja: Lisboa, 2009.
- BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo**: séculos XV-XVIII - as estruturas do cotidiano. São Paulo: Martins Fontes. v.1. 1996.
- DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez, 1987.
- ESPÍNDULA, J. A. O trabalho e a morte em Auschwitz. **Anais do V Encontro Internacional UFES / Paris – Est**. Seres vivos, representações, narrativas e histórias. Universidade Federal do Espírito Santo, s/d.
- FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** (1903-1905). Trad. Paulo César de Souza. Obras completas. v. 6. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- FREUD, S. **O mal-estar na civilização** (1930-1936). Trad. Paulo César de Souza. Obras completas. v. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- MARX, K. **O capital**: crítica da economia política (1867). Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

**UNIPAC**

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

MARX, K. e ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista** (1872). Lisboa: Avante!, 1992.

MENDES, A. M. B. Aspectos psicodinâmicos da relação homem-trabalho: as contribuições de C. Dejours. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 1, n. 2, março, 1995, p. 34-38.

RODRIGUES, P. F., ALVARO, A. L. T. e RONDINA, R. Sofrimento no trabalho na visão de Dejours. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**, ano IV, n. 7, nov. 2006.

RODRIGUES, P. E. B. e CALHEIROS, M. I. M. Q. Transtornos mentais relacionados ao trabalho no Brasil e a psicodinâmica do trabalho. **Faro: Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 6, n. 16, pp. 551-601, agosto, 2019.

MAN AND HIS WORK: A REFLECTION ON ILLNESS IN THE WORLD OF ECONOMIC EXPLOITATION

ABSTRACT

This article aims to briefly discuss the relationship between man and work, taking as its theoretical basis the psychodynamics of work, as developed by Dejours, highlighting the subjective and collective dimensions in the labor context, understanding that work can produce both pleasure and suffering - both the creation and the destruction of the subject. This article also explores the clinical manifestations of work-related pathologies and their effects on the mental health of individuals. The point of view demonstrated here considers that the exploitation of the worker is the major cause of these pathologies, as it fragments the productive process and causes the loss of subjectivity. Therefore, it considers that a society that prioritizes production ends up losing the subjects that constitute it and that could contribute to better conditions of justice and growth for all.

Keywords: Work. Pathologies. Profit. Subject.